



BRASIL S/A

por Antônio Machado

cidadebiz@correioweb.com.br

Cortina de bambu

A débâcle nas bolsas chinesas três dias atrás ainda repercute no mundo, e voltou a sacudir a Bovespa na manhã de quinta-feira. Se tudo o que sobe e um dia cai é das regras mais sábias do mercado de ações, a Bolsa de Xangai, a maior da China, estava pronta, como maçã madura no galho, para ratificar a lei da gravidade. Investem nela, basicamente, nababos da nova classe de capitalistas da ainda comunista China, já que dinheiro de fora só entra com autorização especial — e, como tudo que é novo, funciona sem regras e em ritmo de faroeste. Mas o medo mesmo é o que esconde o crash de Xangai.

Aqui, nos anos 1970, apogeu do então chamado “milagre econômico”, a economia também fervilhava e estava para o mundo, embora em escala menor, como está a China de hoje. O dinheiro bandido fez a festa e ao ser expulso pelos xerifes do mercado deixou uma terra arrasada, que levou mais de uma década para dissipar a desconfiança. A bolsa de Xangai lembra a Bovespa dos anos 1970, mas com mais dinheiro em jogo e maior repercussão sobre os mercados internacionais.

Xangai, tanto sua bolsa como os impressionantes edifícios de aço, vidro e arquitetura futurista, é a vitrine dessa segunda “grande marcha” da China, para passar do socialismo a superpotência econômica. Se o PIB cresce 10% ao ano há mais de décadas, parecia fazer sentido que as ações das firmas chinesas negociadas na bolsa socializassem os ganhos conforme o figurino do capitalismo, mas na velocidade do esplendor chinês: com altas fulgurantes, de provocar inveja em Wall Street. Lá, a “mão invisível” do mercado é estatal.

No ano passado, a valorização das ações em Xangai chegou a 130%. Mas misturando de tudo: de títulos de empresas prestes para entrar na lista das maiores do mundo a ações suspeitas de coisas híbridas entre empresa estatal e privada, sem nenhum controle pelo governo, e tudo sob o molho de operações mais típicas de jogos viciados que de uma grande bolsa, com capitalização acima de US\$ 1 trilhão, da terceira maior economia mundial. O tombo foi essencialmente local. E vazou pelo receio de que arraste a economia chinesa, da qual depende a atual prosperidade mundial, dos EUA ao Brasil.

Chutando explicação

De uma coisa o susto serviu, como diz o analista americano Walter Molano, que acompanha a China baseado em Xangai: “Nunca mais vai-se poder ignorar que o Império do Meio é um dos grandes condutores da atividade econômica e dos principais barômetros das condições de risco globais, o que é uma boa notícia para todos os produtores de commodities”. Ele se diverte com o susto de seus colegas mundo afora, chutando explicações para o ocorrido: a fala do ex-Fed Alan Greenspan, advertindo para o risco de recessão nos EUA no final do ano, o atentado contra Dick Cheney, vice de Bush, no Afeganistão, o furo da bolha especulativa no mercado de imóveis americano.

Até chegar à assustadora queda de 8,8% na segunda-feira, houve vários avisos premonitórios do que viria. No início de fevereiro, Xangai já havia caído 6,5%, um tombo, que estranhamente ninguém tomou como um alerta. Já em 30 de janeiro, em entrevista ao jornal inglês *Financial Times*, o vice-presidente do comitê permanente do Congresso do Povo, o parlamento da China, Cheng Siwei, advertia que “há uma bolha em formação, os investidores deveriam preocupar-se com isso”. Para piorar, segundo Cheng, 70% das empresas cotadas são “imprestáveis” e terão os registros cancelados nas bolsas.

Foi correção de rota

A lógica do governo chinês é sensata. Se a idéia propulsora é dar ao capitalismo uma pincelada socialista, não poderia a nova classe média sofrer o baque devido à valorização irrealista das ações. As contas individuais para aplicação em bolsas já envolvem 80 milhões de chineses, muitos investindo o dinheiro tomado emprestado e até comprando ações com cartão de crédito. Os juros na China são muito baixos e só agora os bancos, estatais a maioria, foram obrigados a adotar regras mais estritas para a concessão de empréstimos.

O crash da Bolsa de Xangai parece ter sido isso, uma correção de rota não associada a nenhum problema fundamental da economia. Eles existem, mas estão interligados aos EUA, que administram déficits brutais na balança comercial e no orçamento fiscal, ambos cobertos boa parte pelas reservas da China, que já passam de US\$ 1 trilhão. Se um piscar, o outro tropeça e arrasta o mundo. Isso não ocorreu.

O analista Walter Molano conta que as bolsas chinesas dormiram por cinco anos até que no fim de 2005 despertaram, e isso porque o governo anunciou as virtudes do mercado de ações. Afora problemas de regulação, havia pouco papel para a massa de dinheiro trazida por investidores inconscientes dos riscos de um mercado de renda variável. Muitos viram na bolsa a chance de formar um pecúlio para a velhice num país em que não há previdência pública. Por isso, lá é tão alta a taxa de poupança, cerca de 50% do PIB: ou se faz um pé-de-meia ou se recorre aos filhos ou se cai na miséria.

Impedir a frustração da primeira leva de contemplados da fartura da economia chinesa, assim, se tornou um problema político. E foi por isso que as autoridades preferiram agir na frente, furando a bolha de especulação enquanto dá para gerenciar os riscos, em vez de esperar até que o rompimento ficasse inevitável e os prejuízos, devastadores para o equilíbrio social das zonas liberadas (o meio rural ainda está na fase pré-mercado). O vigor da economia chinesa surpreende cada vez mais, mas há um poço sem fundo de problemas.

**DÉBÂCLE DA
BOLSA DE
XANGAI NÃO
REFLETE A
ECONOMIA DA
CHINA, CUJA
SAÚDE
DEPENDE DOS
EUA E
VICE-VERSA**